



FORMAÇÃO DA CIDADE DE CANGUÇU: ACASO OU CONVENIÊNCIA?

**BANDEIRA, Silvana de Matos¹; SOUTO, Simone Lessa Silveira¹;
VIEIRA, Sidney Gonçalves².**

¹ Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Geografia, ICH/UFPel
Estagiárias do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais
mmmatosss@yahoo.com.br, simonelsouto@gmail.com

² Orientador, Coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, ICH/UFPel.
sid_geo@hotmail.com
Rua cel. Alberto Rosa, 154 - Bairro Porto – Pelotas.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda acontecimentos da formação da cidade de Canguçu, nos quais se observa que não visaram simplesmente atender ao pedido de moradores da região que, querendo ter assistência religiosa, requisitaram a concessão do chamado Rincão do Tamanduá para a criação de uma capela. Portanto, a concessão da referida licença, pelo governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral, não apenas atendeu ao pedido, mas fundou a cidade em local estratégico, considerado nó orográfico de nascentes dos arroios que deságuam nos rios Camaquã, Piratini e Laguna dos Patos e cruzado por caminhos históricos percorridos pelos combatentes de Rafael Pinto Bandeira. Mais do que dar assistência religiosa, a “Capela Curada de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu”, atrairia pessoas, formando um povoado, esse fato teria sido conveniente para Portugal dar um passo em relação ao seu grande objetivo, tal seja o de garantir a posse das terras, também disputadas pelos espanhóis. Especificamente, se pretende compreender a construção do espaço urbano canguçuense, situando-o geograficamente, destacando seus principais aspectos históricos, como a origem da cidade, os primeiros povoadores e a análise da importância das raízes históricas da economia do município.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo inicialmente realizou-se um levantamento abordando diretamente a percepção do presente através da observação e descrição da paisagem urbana. Trata-se de uma descrição pautada nos elementos teóricos já conhecidos da realidade e que, portanto, não apenas enumera. Em um segundo momento através de levantamento bibliográfico e pesquisa em fontes primárias, tornou-se possível datar os elementos que compõem a reminiscência das relações

sociais de produção que levaram a surgir à cidade de Canguçu. Ou seja, partindo do presente busca-se no passado a justificativa para a preservação de formas e funções, contando, a partir da história territorial a formação sócio-espacial de Canguçu.

3. RESULTADOS

As terras de Canguçu estão situadas junto a Serra dos Tapes e Serra do Erval, formando a região fisiográfica gaúcha Serras do Sudeste, divididas pelo rio Camaquã ao norte do município. Geologicamente faz parte do Escudo Sul-Rio-Grandense integrando o complexo cristalino brasileiro, o vasto município, caracterizado pelo grande número de minifúndios, população predominantemente rural. Na sede do município as ruas e prédios novos surgem a cada dia, numa crescente verticalização. Destaca-se o comércio bastante desenvolvido, que sobrevive da renda advinda dos agricultores, dos funcionários públicos e do grande número de aposentados do município. Também percebemos as marcas da história presente, ou seja, seus casarões, o imóvel histórico mais antigo e importante da história de Canguçu, é a Igreja Matriz Nossa Senhora a Conceição. E em dezembro de 1799, quando os 140 moradores de Canguçu Velho, escreveram uma carta ao Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, governador do Continente, solicitando a permissão para fundar um povoado e construir uma capela num local próximo, no qual foram atendidos e em 1º de janeiro de 1800, lançada à pedra fundamental da capela de Canguçu e se constituiu no marco inicial para criação do município. A igreja foi construída, num pedaço de terra doado por dois sesmeiros, Paulo Rodrigues Xavier Prates e João Francisco Teixeira de Oliveira, a qual Portugal havia concedido, e ao mesmo tempo impedir invasões espanholas, assim começou uma disputa do referido trecho de terra. Bosenbecker (2003, p. 69) conta que “entre esses dois sesmeiros surgiu uma desavença em torno da posse de uma faixa de terra localizada no chamado *Rincão do Tamanduá*”. Para por fim a esta questão, resolveram doar o referido terreno para construção de uma “Capela Curada”. Construída a referida capela, muitas as pessoas que moravam em Canguçu Velho, local onde havia funcionado a sede da Real Feitoria do Linhocânhamo, mudaram-se para perto da capela, a fim de receber assistência religiosa, dando início à cidade de Canguçu. A Real Feitoria, considerada por Bento (2007, p.38) como o “primeiro núcleo populacional de Canguçu” contribuiu, juntamente com o fato de Canguçu fazer parte de um caminho histórico, para o povoamento do local. “Aproveitando das condições de segurança e comércio existente ao longo desse caminho histórico, alguns açorianos e outros povoadores foram se estabelecendo ao longo do mesmo”. (BENTO, 2007, p. 18).

4. CONCLUSÃO:

Por Canguçu localizar-se num caminho percorrido constantemente por combatentes de Rafael Pinto Bandeira, ser relativamente próximo a Rio Grande, conseqüentemente atraiu migrantes para a região. Os caminhos históricos foram importantes não apenas em razão das conquistas militares, mas tiveram grande

influência no povoamento de locais dando origem a inúmeras cidades atuais. Bento (2007, p. 50) ainda vai além ao comentar a importância estratégica de Canguçu, quando deduz que “se conquistada pelos espanhóis, em 1801, dali poderiam lançar contingentes contra Rio Grande e Rio Pardo, impedindo que estas duas guarnições se apoiassem mutuamente”. Sendo assim, Canguçu está presente na história com grande participação e projeção na construção e definição das fronteiras no sul do Brasil, por ser local estratégico para as conquistas militares e produção de um importante produto da época, o linho 1783-1789, considerado tão importante quanto o petróleo, também a população se beneficiou economicamente com a proximidade das charqueadas em Pelotas, para onde o gado que produzia era transportado. Deve se levar em conta o reconhecimento histórico do processo urbanístico e de diversos aspectos, o resultado físico desses acontecimentos é a cidade. Desta forma, assim como praticamente a maioria das cidades latino-americanas, Canguçu não foi criada por acaso, confirmando o que diz Romero (2004, p. 49): “Uma cidade e uma sociedade urbana não são fundadas em vão.” Algumas cidades foram fundadas para servirem de forte, outras com finalidades comerciais ou como locais de passagem, entre outros motivos. No entanto, sempre havia uma razão profunda, e geralmente geopolítica, que determinava onde estas fundações deveriam ocorrer e em que locais elas seriam mais eficazes como forma de tomar posse do território ou afrontar o inimigo, marcando presença.

5. REFERÊNCIAS

- ROMERO, José Luiz. América Latina. **As cidades e as idéias**. 1 ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- MAGNOLI, Demétrio; OLIVEIRA, Giovana; MENEGOTTO, Ricardo. **Cenário Gaúcho**. Representações históricas e geográficas. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- COTRIM, Gilberto. **História e consciência do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BENTO, Cláudio Moreira. **Canguçu reencontro com a história**. 2 ed. Barra Mansa: Irmãos Drummond Ltda, 2007.
- BENTO, Cláudio Moreira. **Real Feitoria do Linhocânhamo do Rincão do Canguçu**. (1783-89 localização). 1992.
- BENTO, Claudio Moreira. **Canguçu 200 anos**. 1ª ed. Canguçu: ACANDHIS, 2000.
- BOSENBECKER, Laedi Bachini. **Conhecendo Canguçu**. 1 ed. Canguçu: R & C Informática, 2004.
- NEVES, Ilka. **Canguçu –RS. Primitivos moradores. Primeiros batismos**. 1 ed. Pelotas: Universitária/UFPEL, 1998.
- SANTOS, André F. dos; EICHOLZ, Eberson Diedrich e NEVES, Everton. **Agricultura familiar**. Semente da Esperança. 1ª ed. Canguçu: Menestrel Editora, 2006.
- SCHIVAON, Carmen G. Burgert (org.). **Anais do Seminário Regional de História: O município de Canguçu em debate**. 1ª ed. Pelotas: Educat, 2003.

SCHRÖDER, Victor Faria. **Os fluxos na formação das cidades do Rio Grande do Sul**. Pelotas, 2007.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. “Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial.” In CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

VIEIRA, Sidney Gonçalves; PEREIRA, Óthon Ferreira; TONI, Jakson Silvano de. **História em Revista**. A evolução urbana de Pelotas: Um estudo metodológico. Ano I, nº 1, Pelotas: Universitária, 1994.

RAMIREZ, Hugo (org.). **O índio no Rio Grande do Sul**. 1 ed. Porto Alegre: Perspectivas, 1975.